

**Dossiê: “Parentescos contemporâneos: possibilidades em campos interseccionados”**

## “A gravidez de menina nos coloca muito no espelho”: tramas, parentesco e intergeracionalidade

Rosamaria Carneiro<sup>1</sup>

Professora Associada I da Universidade de Brasília

e-mail: rosacarneiro@unb.br

<https://orcid.org/0000-0002-1271-7645>

### RESUMO

Neste artigo realizo o esforço teórico de refletir sobre o parentesco como um sistema aberto e como um organismo vivo, tomando de empréstimo as ideias de “linhas de vida” e de “malha” de Tim Ingold (2001). Para isso, dialogo com o campo que tenho desenvolvido nos últimos anos junto à mulheres de uma mesma família, mas de gerações diferentes. Nesse sentido, tomo suas experiências de maternagem como os nós que adensam e que podem diluir (CARSTEN, 2013; 2014) as relações de parentesco entre essas mulheres; alojando assim a sua materialidade no ato de maternar. Dessa feita, contorno as categorias de tempo e de geração, tomando uma das narrativas femininas de nosso universo empírico: o caso de Joyce, que nos fala enquanto neta, mãe e filha, mas também como parteira que outras tantas estórias sobre famílias de mulheres já ouviu.

**Palavras-chave:** Mulheres; Família; Intergeracionalidade; Parentesco; Teoria Antropológica.

---

<sup>1</sup> Atua no Departamento de Saúde Coletiva e no Programa de Estudos Comparados sobre as Américas. Este artigo é fruto da pesquisa intitulada Entre mães que viram avós e filhas que viram mães: parentesco, geração e mothering que recebe Bolsa Produtividade no Processo 315744/2020-0.

## “Girl pregnancy puts us in the mirror a lot”: plots, kinship and intergenerationality

---

### ABSTRACT

In this article, I make a theoretical effort to reflect on kinship as an open system and as a living organism, borrowing the ideas of “lifelines” and “mesh” from Tim Ingold (2001). For this, I dialogue with the field that I have developed in recent years with women from the same family, but from different generations. In this sense, I take their mothering experiences as the nodes that thicken and can dilute (CARSTEN, 2013; 2014) the kinship relations between these women; thus housing their materiality in the act of mothering. In this way, I outline the categories of time and generation, taking one of the female narratives of our empirical universe: the case of Joyce, who speaks to us as a granddaughter, mother and daughter, but also as a midwife that so many other stories about women's families have already heard.

**Keywords:** Women; Family; Intergenerationality; Kinship; Anthropological Theory.

## “El embarazo de niñas nos pone mucho en el espejo”: tramas, parentesco e intergeneracionalidad

---

### RESUMEN

En este artículo, hago un esfuerzo teórico para reflexionar sobre el parentesco como un sistema abierto y como un organismo vivo, tomando prestadas las ideas de “líneas de vida” y “malla” de Tim Ingold (2001). Para ello dialogo con el campo que he desarrollado en los últimos años con mujeres de la misma familia, pero de distintas generaciones. En ese sentido, tomo sus experiencias maternas como los nudos que espesan y pueden diluir (CARSTEN, 2013; 2014) las relaciones de parentesco entre estas mujeres; albergando así su materialidad en el acto de la maternidad. De esta forma, esbozo las categorías de tiempo y generación, tomando una de las narrativas femeninas de nuestro universo empírico: el caso de Joyce, que nos habla como nieta, madre e hija, pero también como partera que tantas otras historias sobre familias de mujeres ya las ha escuchado.

**Palabras clave:** Mujeres; Família; Intergeneracionalidad; Parentesco; Teoría Antropológica.

## Das linhas e tramas: um preâmbulo basilar

*Ó doce e astuto Ulisses, tuas vinhas sangram de dor, definham as espigas, o ouro esfarela, enfeçam as olivas e a terra seca engole os bois que tinhas. Só. Estou só. Tudo em redor esquece: O olbo que chora, a alcova, a mão que tece.*

*Nbanduti é uma palavra do tupi-guarani, que define um tipo de renda, cuja forma lembra uma teia de aranha. (JUNQUEIRA, 2005, p. 2019).*

O trabalho manual com linhas, novelos e lãs, em geral, não é algo incomum nas histórias sobre a vida das mulheres. Tecer, costurar ou cozer tem sido, ao longo de muitos espaços e tempos, algo “caracteristicamente” feminino. As mulheres tecem e desatam, mas também são tecidas por tais movimentos. Não ao acaso, entre as artistas vinculadas ao projeto *Artistas Latinas*<sup>2</sup>, cujo escopo é agregar e difundir a arte feita por mulheres a partir de seus territórios de pertença, encontramos a brasileira Adalgisa Campos e a guatemalteca Ada Colocho, ambas fazendo arte feita com/através de linhas. Muitas outras são as mulheres que se exprimem por meio do bordado, da costura e do emaranhado, mas aqui tomarei ambas para costurar o argumento do presente artigo.

Adalgisa nasceu em 1971, é paulista, artista visual e graduada em arquitetura pela Universidade de São Paulo (USP), com outras especializações e mestrado em Artes pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Seu maior meio de expressão é o desenho, justamente naquilo que a liberdade infantil lhe arroga. Na série *Desatadoras* (2018), junto de Suiá Burger Ferlauto, nos vemos diante de *closets* de mãos que parecem desembaraçar ou estarem embaraçadas em linhas grossas bem brancas. Nessa sequência é possível perceber a densidade daquelas linhas que parecem condensar uma nebulosa, tornando-se indissociáveis; mas também a relacionalidade de duas mulheres que parecem juntas desatar algo, ao mesmo tempo em que, pelos nós, se veem conectadas.

---

<sup>2</sup> Para mais informações sobre o projeto, sugerimos [www.artistaslatinas.com.br](http://www.artistaslatinas.com.br). Acesso em: 02 abr. 2022.



Figura 1 –Desatadoras. Fonte: Adalgisa Campos (2018).

Ada Colocho<sup>3</sup> nasceu em 1968 na Guatemala e suas produções artísticas são totalmente atravessadas pelo bordado. A artista pinta naturalmente os tecidos, por meio de partes da natureza (folhas, galhos, sementes e etc.), e depois os borda, tendo por temas a natureza, mas sobretudo a estória de sua vida. Duas são as séries que mais podem chamar a atenção nessa oportunidade: *El portal del tempo* (2020), que narra a chegada de três navios a uma terra, bem como o seu cotidiano noite e dia e *Semilla sagrada* (2020), que nos remete para a origem do mundo, discorrendo, segundo a artista, também sobre a origem de sua vida.

<sup>3</sup> Ver: <https://www.artistaslatinas.com.br/artistas-1/ada-colocho>. Acesso em: 02 abr. 2022.



Figura 2 – *El portal del tiempo*. Fonte: Ada Colocho (2020)

Edmund Leach, em "Dois ensaios a respeito da representação simbólica de tempo" (2001 [1953]), salienta que os Kachin da Birmânia têm uma palavra *majan* que literalmente significa "assunto feminino". Ela pode significar guerra, uma canção de amor ou as linhas trançadas de um tear. Penélope, na *Odisséia* de Homero, tece — para frente e para trás — para construir uma mortalha; mas todas as noites desfaz o trabalho executado ao longo do dia, a fim de que não seja obrigada a se casar com outro homem, antes do retorno de Ulisses da Guerra de Tróia.

As linhas, portanto, compuseram — e ainda o fazem — as biografias das mulheres. Foram — como tecelãs — elogiadas, mas também amaldiçoadas. Estou atualmente às voltas com uma investigação que tem versado sobre a ideia de "estórias" (CARDOSO, 2012; KOFES, 2007), aqui escritas com "e" porque recuperam dimensões domésticas e ordinárias da vida de mulheres de uma mesma família, mas de três gerações diferentes: as avós, as mães e as filhas. Versa, portanto, sobre o tempo e linhagens de mulheres. O seu objetivo central é compreender se e de que formas os seus modos de maternar nos informam sobre suas relações, seus corpos e suas emoções, mas também sobre a tessitura de suas redes de parentesco e noções de família. Para isso, tomo a maternidade como núcleo de experiência que as aproxima, mas que também as distancia em afetos, ações e leituras de mundo.

As linhas e tampouco o bordado eram de início o meu campo de investigação, mas tornaram-se pouco a pouco uma importante metáfora e modo de compreensão das estórias que foram apresentadas: em suas nebulosas, segredos e impossibilidade de dissociação. Se a pesquisa se desenvolveu por meio da escuta de estórias de vida, de suas biografias maternas ou narrativas, interpreto suas memórias como as "linhas de vida",

sugeridas por Octavio Bonet (2013) a partir de *Being alive* (2011) de Tim Ingold. Para Bonet, as “linhas de vida”, tomadas como fluxos e processos biográficos em desenvolvimento, constituem as “malhas”; ideia descrita, pelo próprio Ingold, como adensados, nós e emaranhados, que de tudo comportam e que, também, a tudo provocam. Sobre as “malhas”, suas linhas e a ideia de “rede”, ao meu ver conectadas, assim escreve:

[...] todo o terreno do conhecimento é reconfigurado. Em vez de superfícies territoriais segmentadas em domínios, ou campos de estudos, temos algo mais semelhante a cordas, trançadas com os correspondentes fios ou linhas de interesse. (BONET, 2013, p. 12).

[...] a rede não é uma entidade. Ou seja, não é um objeto independente fechado que está definido contra outros objetos com os quais pode então ser justaposto ou unido. É, sim, um pacote ou um tecido de linhas, fortemente unificadas, mas com alguns pontos em aberto, sem conexão, que se agrupam com outras linhas de outros agrupamentos. (INGOLD, 2011, p. 91).

Na verdade, para falar sobre a “malha”, Ingold recorre à ideia de “rede”, muito cara aos antropólogos que têm se dedicado a pensar sobre o que se tem chamado de uma antropologia pós-social ou simétrica, à lá Marilyn Strathern (2008) e Bruno Latour (2012). Esses autores, assim como Gregory Bateson (2008), que muito inspira Tim Ingold, buscam olhar mais de perto para as relações, em detrimento das dicotomias indivíduo/sociedade ou de leituras mais formais e estruturantes da realidade. Na verdade, questionam a existência do indivíduo e até mesmo da sociedade. O interessante é que, tanto a “rede”, quanto a “malha”, conectam e operam como uma espécie de organismo-vivo, aberto e em constante processo de produção. Se eles estão a discorrer sobre uma outra teoria social, como têm anunciado, o que tais leituras podem nos dizer sobre as histórias de vida e sobre as histórias de maternagem de mulheres de diferentes gerações de uma mesma família?

Para refletir sobre essa pergunta, esse artigo parte da ideia de que a família e o parentesco, antes de serem polarizados em sangue (substância) ou afinidade/aliança, como apostam teorias funcionalistas (RADCLIFFE-BROWN, 1982) e estruturalistas (LÉVI-STRAUSS, 1979), poderiam ser também pensados a partir das noções de “rede” e de “malha”. Desta feita, como sistemas abertos e atravessados pela ideia de *relatedness* (CARSTEN, 2014), nos quais interessa mais saber sobre os caminhos de sua fabricação do que sobre suas substâncias ou regras fixas. Essa aposta teórica advém da perspectiva de que também o parentesco é composto por “linhas de vida” e pelas histórias dos processos biográficos; vistos por suas relações, que se dão em “redes” e em “malhas”,

entre a vida pessoal e a vida coletiva, entre a liberdade e o pertencimento. Se assim são tomados, como a “malha” — a ser pensada como um sistema de parentesco aberto — não existem por si só e o trabalho do antropólogo seria compreender como se dá a sua confecção.

Tim Ingold equivale a “malha” à teia de aranha, haja vista que a aranha não existe fora da teia, assim como a teia não existe sem a aranha. Nesse artigo o meu desejo é tecer considerações sobre as relações de parentesco entre as mulheres de gerações diferentes de uma mesma família, de modo a ponderar sobre o parentesco como processos de “adensamento” e de “diluição” (CARSTEN, 2014), assim como uma “malha” e “linhas de vida”, entendendo, para tanto, que a intergeracionalidade pode ser o fio condutor dessas relações e de sistemas de organização social.

## **Em campo, entre linhas de vida e estórias de mulheres mães: a estória de Joyce**

Esta pesquisa de campo aconteceu durante os anos pandêmicos de 2020 e 2021, de contágio por Corona Vírus. Foram 18 meses de entrevistas com mulheres de duas gerações de uma mesma família: o primeiro grupo chamamos de “grupo de mães” ou de “geração intermediária” e o segundo de “grupo de filhas” ou de “geração mais jovem”, bebendo de uma classificação posta anteriormente por pesquisas antropológicas sobre famílias de mulheres nos anos de 1980 (BARROS, 1984; ALMEIDA, 1987; MACHADO, 2009). Na primeira franja, estive com mulheres que tiveram suas filhas entre os anos de 1970–1980 e no segundo grupo entre os anos de 2000–2020. A geração das avós, mulheres que se tornaram mães nos anos de 1940, apareceu de modo referenciado, quando suas filhas as mencionavam e as caracterizavam. Por isso, em alguns relatos também as avós adentraram ao campo de discussão. Inicialmente pretendia escutar mulheres da Paraíba e do Distrito Federal, de diferentes camadas sociais, médias e populares, a fim de compreender suas leituras de gestação, parto, pós-parto e maternagem. No entanto, com o advento da pandemia e urgência da pesquisa remota ou à distância, estive com mulheres do Pará, da Bahia, do Rio de Janeiro, de São Paulo, da Paraíba e do Distrito Federal. As entrevistas foram realizadas por meio das tecnologias de aproximação Zoom ou Skype, mas também por meio de áudios e chamadas de vídeo de WhatsApp. Nesses últimos casos, sobretudo, com mulheres de camadas populares, cuja conexão virtual se dava mais tranquilamente por meio do telefone. Entre elas, os contatos também foram mais sequenciados, repetidos em mais de uma situação, por meio de diversas chamadas de vídeo e trocas de mensagens

de áudio de WhatsApp, já que nem sempre conseguíamos concluir nossas longas conversas em uma única chamada.

Estive com 15 mulheres. Nossas conversas duraram em média 2 ou 3 horas, mas também se repetiam ao longo de semanas e de outros modos, acontecendo também por meio de e-mails e de trocas de mensagens rápidas ou de imagens via WhatsApp. Todas foram gravadas e depois transcritas. As narrativas foram construídas abertamente pelas próprias mulheres, a partir de uma breve apresentação inicial sobre a proposta de investigação. Nesse sentido, utilizei-me de entrevistas abertas como técnica de pesquisa. Eu lhes pedia para discorrerem sobre as relações com suas mães e suas avós, depois de terem se tornado mães; sobre suas experiências de parto e de amamentação; sobre o que lhes contaram as mulheres de sua família sobre tais eventos; sobre a presença/ausência dessas mulheres em suas casas em seu pós-parto e sobre suas memórias às voltas com as figuras e acontecimentos femininos de suas famílias (menstruação e menopausa). A partir daí as mulheres construíam sua própria cronologia e — o que mais me interessava — o seu modo de narrar e de ordenar os eventos biográficos (MALUF, 1989).

Outros tantos poderiam ser os meus pontos de partida para esse diálogo, mas escolhi a maternagem como experiência crítica na vida das mulheres. Crítica porque disruptiva, por ser corte, alteração, transformação e também origem de processos biográficos. Tornar-se mãe pode ser compreendido como um ritual de passagem (VANGENEP, 1982), já que inaugura um novo *status* social e subjetivo; que, como tal, envolve mortes e recomeços. Para além disso, parto da ideia de maternagem enquanto prática, ação e performance, inspirada no debate da antropóloga canadense Michelle Walks sobre a noção de *mothering*, que basicamente dissocia a maternidade de um corpo específico, de noções de distinto e de biologia, mas também das moralidades que conformam um único ideal de “boa mãe”, como temos visto desde o advento do mito moderno do amor materno (BADINTER, 1985).

Nessas páginas dialogarei com a estória de vida de Joyce, tomando uma das mulheres com as quais convivi. Opto por trabalhar com suas narrativas porque partiram de dois lugares distintos, de sua vida pessoal, mas também profissional. Partindo de ambos, Joyce construía suas estórias e explicações para determinados acontecimentos justamente a partir das relações entre mulheres de uma mesma família, mas de gerações diferentes. Dessa forma, em nossas conversas, Joyce construía o seu modo de contar já, de saída, atravessado pela questão geracional. Ela operava como a costura, ou a linha que tornava as estórias compreensíveis. Joyce é uma mulher cis, branca, médica e parteira

tradicional, que nasceu no Rio de Janeiro e vive na Paraíba há mais de uma década. Ela tem por volta de 40 anos, é casada, heterossexual e mãe de 4 filhos, todos nascidos em casa. Ela é uma mulher de camadas médias, por isso sua estória precisa ser lida e interpretada a partir de um contexto social, político e econômico que desenha sua maternagem. De forma a ressaltar que muitas podem e são as práticas de maternagem ao longo da história, de contextos econômicos, urgências da vida e desigualdade social.

O pai, o tio e marido de Joyce também são médicos. Ela nasceu por meio de uma cesárea e isso, em suas palavras, pode ser explicado por essa razão. Sua mãe havia tido um primeiro parto vaginal “traumático”, quando nasceu seu irmão. Por isso e em virtude de ter passado por uma “cirurgia importante”, ainda na gestação de Joyce, teve uma cesárea recomendada para receber sua filha. Quando a questioneei sobre sua relação com sua mãe, inicia a nossa conversa dizendo que só passou a atentar para o tema das relações entre mães e filhas quando engravidou de seu primeiro filho. Antes disso, Joyce disse se considerar “muito masculina” porque rodeada de amigos homens. Segundo ela, “não cabia no estereótipo da delicadinha”, fazendo menção a uma visão social estereotipada de gênero bastante operante em sociedades ocidentais.

Sua mãe nasceu em Minas Gerais e mudou-se para o Rio de Janeiro ainda bem jovem. Na percepção da filha, era uma mulher amorosa, mas tinha suas “travas”, tanto que pouco falava sobre sua sexualidade. Elas, no entanto, nunca tiveram conflitos abertos e escancarados e até a chegada dos filhos de Joyce viviam bem “com suas diferenças”. Ela me contou que cresceu ouvindo estórias aterrorizantes de parto em sua família. No parto de seu irmão, sua mãe “colocou todas as hemorroidas para fora”. E sua avó paterna — em seus partos — colocava tanta força nos braços que quase quebrava a cama em que dava à luz. Essas passagens — por ela lembradas logo no começo de nossa conversa — justificavam a impressão de que em sua família aconteciam muitos “partos estrambólicos” e essas estórias pareciam funcionar como fantasmas que ameaçavam a sua própria experiência de parto.

No entanto, quando sua mãe começava a recuperar essas passagens, Joyce disse que logo reagia e dizia: “Pode parar! Se não têm coisas boas para me dizer, não me diga nada”. Em sua narrativa, sua mãe aparece como uma mulher que transmitia receios quanto aos seus partos, mas também como alguém que intuía bastante sobre o rumo dos acontecimentos. Ela sempre lhe dizia que seu filho nasceria no dia 11 de abril, na data em que havia nascido sua mãe, a avó de Joyce, uma benzedeira de Minas Gerais. Seu primeiro filho nasceu no Rio de Janeiro em casa exatamente no dia 11 de abril, como previsto por

sua mãe. Sua mãe parece ter ajudado muito pouco a filha, assim que o bebê nasceu. Essa ao menos foi a crítica de Joyce, para quem “ela vinha, trazia um protetor de peito e logo ia embora”. Em sua fala era possível notar um sentimento de solidão e de abandono por parte da mãe, que — aos seus olhos — não se fez presente na intensidade desejada por ela. Ela queria que a mãe estivesse mais próxima, em sua casa, passando tempo e lhe acompanhando com o bebê, ou permitindo-lhe cuidar de si mesma.

Quando sua segunda filha nasceu, uma menina, Joyce já vivia em outra cidade. Tentando ter a mãe mais próxima, contou-me que comprou as passagens aéreas com antecedência para que estivessem juntas, mas as duas logo se desentenderam, ainda durante o puerpério. Sua sogra também havia ido para sua casa e sua mãe se sentiu enciumada com a presença de outra mulher naquele espaço. Por isso, quis ir embora. Sentiu-se desnecessária. Era em seus pós-partos que Joyce buscava por sua mãe e seus cuidados, mais com a casa e com os seus outros filhos, para que Joyce pudesse ter tempo para o bebê e para si mesma. Muitos foram os desencontros entre mãe e filha nesses processos, tanto que, em seu terceiro puerpério, decidiu nem mesmo esperar por sua mãe, que ainda vivia no Rio de Janeiro, chamando dessa vez somente sua sogra. Mas que também não resolveu os seus anseios e não conseguiu suprir o desejado por Joyce, fazendo com que a mesma me dissesse: “também... Ela não podia substituir a minha mãe, a questão era com minha mãe”.

Joyce e sua mãe somente se aproximaram, como desejado por ela, da maneira mais surpreendente possível: durante o seu resguardo de um abortamento de gêmeos. Joyce acha “curioso” que a morte as tenha finalmente posto em contato. Nesta ocasião, Marialva, sua mãe, viajou para a Paraíba por sua própria iniciativa e tomou as rédeas do cuidado com a filha e com os netos, como Joyce tão esperava: cuidou da casa e lhe deu tempo para que pudesse cuidar de si mesma. Em seguida, Joyce teve mais uma menina e sua mãe novamente a auxiliou, dessa vez conforme suas expectativas durante o pós-parto. Segundo ela, “nessa época já havíamos pegado o jeito. Ela quis vir e eu disse massa, venha! Esse foi o resguardo perfeito”.

Na “linha de vida” de Joyce, é possível perceber uma sobreposição de histórias de vida, a de suas avós e seus partos e também a de sua mãe e seus partos. Elas informam umas às outras, positiva ou negativamente: por meio de “fantasmas” e também de dádivas que se tornaram heranças físicas e simbólicas. São “linhas em continuidade”, mas também “linhas enoveladas”, misturadas, sobrepostas, puxadas e repuxadas por cada uma dessas mulheres.

Marialva recupera as histórias de parto de sua sogra. Joyce acaba sabendo mais de sua avó materna — Tonica somente quando se vê grávida. Foi só nessa época que sua mãe lhe disse que via muito de sua avó nela. E assim, mulheres mortas retornam à cena para simbolizar; nos fazendo compreender um evento do presente. E assim, a ideia de tempo linear ou cronológico, passado, presente e futuro deixa de existir, as linhas de vida se embrenham a ponto de borrar certas ideias de tempo. Algumas das histórias são usadas para dar sentido aos percursos de outras mulheres — mulheres ou pessoas de gerações mais jovens; como é o caso dos bebês gêmeos de Joyce que morreram e que vieram para colocar a relação entre sua mãe e sua avó em outro lugar e com outras conformações. Aos meus olhos, essas histórias não podem ser lidas de maneira linear e tampouco causal, mas como fluxos abertos e em desenvolvimento, movimentados pelas experiências, mas também pelas narrativas das mulheres que escutei. Nesse sentido, inspiro-me muito no proposto por Ingold (2011) e retomado por Bonet (2013) no Brasil, de forma a articular as “linhas de vida” às “malhas”, assim como as narrativas de vida às tramas intergeracionais de uma mesma família — que acabam nos dizendo muito sobre os desenhos de pessoa dessas mulheres e de como são vividas as suas relações de parentesco.

Como parteira, Joyce também recuperou uma série de situações que me ajudaram a refletir sobre os encontros e os contatos das linhas de vida. Segundo ela, é “importantíssima essa relação entre mãe e filha, porque ela diz muito de como pariremos. A gente pare como nascemos”. Foi assim inclusive que construiu a narrativa de seu primeiro parto. Aos seus olhos, seu filho mais velho lhe ensinou a nascer, sinalizando-nos mais vez o papel do futuro no presente e também no passado e das gerações mais jovens com relação às mais antigas.

“Eu não sabia no meu corpo como era nascer”, referindo-se ao fato de ter nascido de uma cesárea. “Então, C. me ensinou o caminho”. Ela chegou ao expulsivo, com dilatação total, mas o trabalho de parto esfriou. Para resolver, Joyce comentou que se “conectou com sua mãe animal”. Uma outra mãe, fazendo referência a uma ancestralidade natural e de integração com um mundo familiar mais extenso do que o consanguíneo. Filhos que ensinam às mães ou que explicam suas sensações também subvertem nessa ordem de explicações os lugares de ancestralidade e precedência do parentesco. (Notas do diário de campo, maio de 2020).

Quando conversamos sobre sua prática de parteria com tantas outras mulheres, comentou:

Quando as mulheres nasceram de cesárea marcada, sei que tenho um desafio delas se perderem no expulsivo.

A mulher nasceu de um parto normal. Mas a mãe recebeu todas as intervenções. Um parto muito medicalizado. Ela abriu uma asma na gravidez, que tinha tido na primeira infância. Quando vier a falta de ar, você tenta sentir a emoção, o que te traz naquele momento. Ela voltou e me disse: eu passei uns dias passando mal, o marido viajou e acessou o abandono. Estava me sentindo um bebê abandonado. Minha mãe nem lembra mais de como eu nasci. Era uma rack dos USA que desovaram aqui, com mulheres apagadas. Esse bebê que nasce assim, se sente abandonados. Esse bebê sente que foi abandonado no meio do caminho. O bebê acaba fazendo tudo sozinho. (Joyce, entrevista, maio de 2022, João Pessoa).

Mas em outros momentos, Joyce também me colocava diante de histórias de resistência e de divergência de supostos destinos familiares. Ela me contou que muitas mulheres chegavam até ela como parteira justamente não querendo repetir os partos de suas mães e de suas avós, fossem eles uma cesárea ou um parto vaginal. Em sua leitura, muitas buscavam por uma cesárea, pois suas mães narraram terem sido muito maltratadas ao parir vaginalmente. Por isso, disse ter escutado bastante: “Não quero que meus filhos nasçam como eu nasci”.

Eu tenho muitas comadres com o primeiro filho de cesárea. “Fui enganada, não quero de novo”, elas me falam. Mas suas mães deram à luz de parto normal. Por isso, as mães recomendam uma cesárea para que as filhas não sofram como elas. (Joyce, entrevista, maio de 2022, João Pessoa).

Por fim, ao lhe perguntar se existiriam diferenças entre gestar e parir uma menina, Joyce, de seu duplo lugar de pertencimento, de mãe de menina e de parteira, me respondeu:

A gestação de meninas é diferente. Eu sonhava com um grande buraco. Quem come quem? A gravidez da G. (sua primeira filha) me abriu para o ser mulher mesmo. Para o papel da mulher, o sexo.

**A gravidez de menina nos coloca muito no espelho.** Como vou ser mãe dessa menina? Eu e minha mãe. (Joyce, entrevista, maio de 2022, João Pessoa)

“A gravidez de menina nos coloca no espelho” pode nos remeter a uma ideia de igualdade e de horizontalidade, ainda que entre gerações diversas, de mulheres de tempos de diferentes que se relacionam. Enquanto que “o grande buraco em que não sabemos

quem come quem” pode sugerir a ausência de início, de uma origem ou de um marco zero dessas relações entre avós, mães e filhas.

## **O parentesco pode ser uma trama/linhas de vida entre mães e filhas?**

Janet Carsten, tomando de saída o artigo *What Kindship is not...* (2013) do antropólogo americano Marshall Sahlins e com ele dialogando expressamente, investe em leituras do parentesco para além da clássica separação consanguinidade/afinidade. Sahlins neste texto explora a noção de “mutualidade do ser” e com isso apresenta tendências inclusivas de parentesco, que passa a ser compreendido pela “alimentação, terra, procriação, memória, emoção e experiência” (2014, p. 105). Carsten se interessa mais especificamente pela ação do tempo sobre o parentesco e junto a tessitura das relações familiares. Sendo esse justamente o ponto que mais me intriga e me interessa pensar: o tempo, a temporalidade e seus impactos nas relações entre mulheres de gerações diferentes. Essa pesquisa se debruçou sobre as gerações de mulheres de uma mesma família, o desenrolar de suas experiências maternas e quais os discursos técnico-científicos e moralidades as moldaram em seus respectivos tempos. Mas também em seus entretempos e, assim, na intergeracionalidade. Para Carsten, há que se observar “os processos de dissolução” e/ou de “espassamento” dessas relacionais ao longo das temporalidades. Entre eles, a antropóloga menciona como exemplos as mudanças de residência; as regras de casamento; o distanciamento físico entre filhos e pais; as mortes; as promessas e as vinganças, para citar alguns. Eu incluiria as experiências de tornar-se mãe, de ter filhos, de experimentar uma gestação e um parto ou então de amamentar uma criança. Todas elas experiências que podem gravitar a vida social de mulheres de uma mesma família, mas que também podem, como visto no caso de Joyce, operar como transformadores de suas relacionais: espessando-as ou diluindo-as a depender do caso em tela. Fabricando assim o parentesco, estreitando laços de família; colocando-lhes um fim ou reduzindo o seu peso na estória de outras mulheres da mesma família.

O interessante é que, dessa forma, a noção de tempo — ao redor das ideias de parentesco e da família — deixa de ser somente o do passado ou o das memórias, para ser o “tempo incognoscível” (CARSTEN, 2014, p. 107). Ou seja, o tempo do futuro, aquele que não se sabe o que será. Carsten por isso acredita que a temporalidade explica as gradações e as acumulações do parentesco. Desta feita, nesse eixo de interpretação do parentesco, as substâncias como o sangue, o esperma e o leite materno, que tão classicamente lhe deram o tom, se transformam e passam a ser também fotografias, cartas,

cartões de Natal e genealogias (2014, p. 108). Ou seja, a materialidade do parentesco também se vê mais fluida, aberta. E, em minha compreensão, por esse registro poderia ser aproximado, nas linhas de Ingold, a um organismo vivo, um sistema em aberto, um emaranhado de linhas de vida. Ou então, uma “malha”:

[...] o parentesco também, e de forma fundamental, provê um reino imaginativo para pensar, parcialmente em termos éticos, mas também de forma mais especulativa, sobre quem somos nós e o que podemos ser no futuro; sobre nossas conexões no presente assim como com gerações do passado, e com os não-nascidos. “Nos tornamos crianças de nossas crianças, os filhos de nossos filhos... E ficamos velhos e jovens ao mesmo tempo”, como diz a epígrafe de Sahlins (2013: 04). Dessa forma, temporalidade é uma parte crucial da potencialidade imaginativa do parentesco. Também sugeri que temporalidade e outras qualidades abstratas ou inefáveis do parentesco podem se prestar ao mais imediato e serem pensadas através de sua aderência com o menos abstrato e ao mais material, coisas que chamei de substância aqui. Tais substâncias materiais, em outras palavras, ajudam a ativar os saltos imaginativos que a “mutualidade do ser” compreende, nos permitindo a pensar sobre “espessamento” e “diluição” do parentesco através do tempo e espaço. As substâncias permitem, por um lado, conexões entre processos corporais e pessoas e, por outro, entre diferentes temporalidades que são vitais ao encompassamento e entrelaçamento do parentesco na vida cotidiana. (CARSTEN, 2014, p. 112).

Partir de tais premissas significa assumir seriamente o lugar da experiência e das emoções, da intuição e da memória na descrição do parentesco. É pensar antes como o parentesco se faz, como se fabrica e é fabricado, do que no que ele consistiria *a priori*. Mas é também radicalizar a percepção de que “é parte da criação de histórias maiores ou histórias mais pessoais” (2014, p.115).

Assim, idiomas de laços sociais podem ser mobilizados para reduzir, substituir ou reforçar os laços biológicos – irmãs ou mães e filhas podem estar tão próximas que são “melhores amigas”, mas na ausência de laços de parentesco – ou, às vezes em contraste a eles – “amigas” podem ser pensadas também “como irmãs”. (CARSTEN, 2014, p. 114).

Isto posto, parece possível refletir sobre as trajetórias de maternagem das mulheres como linhas de vida, posto que abertas e atravessadas por relações com mulheres de outras gerações de sua família; mas também pelos processos da vida social em geral que informam “moralidades maternas” e lugares de existência femininos ao longo dos tempos (MEYER, 2005; BARROS, 1984). Linhas de vida essas que se encontrariam nas “malhas” de Ingold,

sistemas abertos de leitura e de compreensão do mundo, amparados na relacionalidade/*relatedness* (CARSTEN, 2014).

Se as “malhas” nos ajudam a refletir sobre a vida social, as “linhas de vida” que as compõem se comunicam por contatos. Contato que tem por etimologia a ideia de “1. relação de contiguidade entre dois o mais corpos; 2. ato ou efeito de contatar; toque”<sup>4</sup>. Ou seja, contato não significa permanência, nos remeteria mais ao movimento e assim a uma abertura dos sistemas de organização social, que tomariam o parentesco também com um organismo vivo.

Myriam Lins de Barros (1984), ao analisar trajetórias femininas de uma mesma família no Rio de Janeiro na década de 1980, denominou de “efeito geracional” esse contínuo entre as gerações de mulheres de temporalidades diversas. Em sua interpretação, uma história de vida não poderia ser compreendida sem relacionar-se com as do passado, relacionando a vida de avós, mães e netas. Daí preferir “efeito geracional”, como algo que se dilata na ideia de tempo, do que a noção de “gerações” fixas ou herméticas. Aos nossos olhos, o “efeito geracional” poderia ser equiparado à ideia de intergeracionalidade, como marcador que define a “malha” do parentesco.

## Para nada concluir

As teias de aranha, os bordados e as linhas de maneira geral, como vimos no início deste texto, parecem compor as memórias e estórias de mulheres em muitos lugares e tempos. Para iniciar, recuperamos algumas dessas passagens, mencionando uma artista brasileira e uma outra guatemalteca. Karina Batthyany, Sol Scavino e Valentina Perrotta (2020), junto de outras sociólogas uruguaias, recentemente publicaram “Cuidados Infantiles y trabajo remunerado en tres generaciones de mujeres madres de Montevideo: los recorridos de las desigualdades de género”. Este artigo traz à tona de maneira bastante tipológica os lugares e as moralidades maternas que informaram as práticas de mulheres que foram mães nos anos de 1950. Em seguida, de mulheres que se tornaram mães nos anos de 1970 — chamada de “generación bisagra — e por último o grupo de mães dos anos 2000. As autoras exploraram a presença da culpa, a possibilidade do trabalho fora de casa, o ideal familista presente na sociedade uruguiaia, a presença do Estado e o recente *Sistema Nacional Integrado de Cuidado*. Em suas linhas, as práticas de maternagem e os modos

---

<sup>4</sup> Ver: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/contato>. Acesso em: 02 abr. 2022.

de maternar, ao longo dos tempos, vieram informados por ideários sociais, mas também informaram a vida de mulheres de gerações diferentes em um movimento contínuo; sem começo, meio e fim, necessariamente, mostrando-nos como uma linha de vida pode afetar a outra, subsequente ou não, e assim por diante, num movimento de frente e trás, de vai e vem; assim como a máquina de tear, a arte de crocheter e a costura de uma rede de pesca.

No Brasil, na Guatemala e no Uruguai essas linhas de vida e suas malhas parecem fazer sentido. Por que não poderiam – metodológica, mas também teoricamente, nos ajudar a refletir sobre o parentesco e o que seria a sua materialidade na atualidade? No limite, a estória é de Joyce, mas também de Marialva, de Tónica e de suas filhas-netas que nasceram, juntas e misturadas, numa malha de parentesco em que os nós, em seus adensamentos e dissoluções, parecem ser dados e refeitos a partir de experiências do maternar, do cuidar e das relações entre mulheres.

## Referências

- ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. *Maternidade. Um destino inevitável?* Rio de Janeiro: Editora Campus, 1987.
- BARROS, Myriam Lins de. *Autoridade e Afeto. Avós, filhos e netos na família brasileira.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1984.
- BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno.* Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1985.
- BATESON, Gregory. *Naven: um exame dos problemas sugeridos por um retrato composto da cultura de uma tribo da Nova Guiné, desenhado a partir de três perspectivas.* São Paulo: EDUSP, 2008.
- BATTHYANY, Karina; SCAVINO, Sol; PERROTTA, Valentina. Cuidados infantiles y trabajo remunerado en tres generaciones de mujeres madres de Montevideo: los recorridos de las desigualdades de género. *Dados*, v. 63, n. 4, p. 1-37, 2020.
- BONET, Octavio. Itineraciones e malhas para pensar os Itinerários de cuidado. A propósito de Tim Ingold. *Sociologia & Antropologia*, v. 4, n. 2, p. 327-350, 2013.
- CARDOSO, Vânia Zikán. Marias: a individuação biográfica e o poder das estórias. In: GONÇALVES, Marco Antônio; MARQUES, Roberto; CARDOSO, Vânia Zikán. *Etnobiografia: subjetivação e etnografia.* Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.
- CARSTEN, Janet. What Kindship does – and how. *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, v. 3, n. 2, p. 245-251, 2013.
- CARSTEN, Janet. A matéria do parentesco. *R@U*, v. 6, n. 2, p. 103-118, 2014.

INGOLD, Tim. (2011). *Being alive: essays on movement, knowledge and description*. Londres: Routledge, 2011.

LATOUR, Bruno. *Reagregando o Social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede*. Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. Salvador/Bauru: Edufba/Edusc, 2012.

LEACH, Edmund. Cronos e Crono. In: LEACH, Edmund. *Repensando a Antropologia*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001 [1953]. p. 124-131.

LEACH, Edmund. O tempo e os Narizes Falsos. In: LEACH, Edmund. *Repensando a Antropologia*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001 [1953]. p. 132-136.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. Lisboa: Edições 70, 1979.

MACHADO, Maria das Dores Campos; BARROS, Myriam Lins de. Gênero, geração e classe: uma discussão sobre as mulheres das camadas médias e populares do Rio de Janeiro. *Revista Estudos Feministas*, v. 17, n. 2, p. 369-393, 2009. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2009000200005>.

MALUF, Sonia. *Encontros perigosos: análise antropológica de narrativas sobre bruxas e bruxarias na Lagoa da Conceição*. 1989. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) –Universidade Federal de Santa Catarina, 1989.

MEYER, Dagmar. A politização contemporânea da maternidade: construindo um argumento. *Gênero*, v. 6, n. 1, p. 81-104, 2005.

KOFES, Suely. Experiências sociais, interpretações individuais: Histórias de vida, suas possibilidades e limites. *Cadernos pagu*, n. 3, p. 117–141, 2007.

RADCLIFFE-BROWN, Alfred. Introdução. In: RADCLIFFE-BROWN, Alfred; FORD, Daryll (Orgs.). *Sistemas políticos africanos de parentesco e casamento*. 2. ed. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.

STRATHERN, Marilyn. *O gênero da dívida*. Campinas: Editora Unicamp, 2008.

VAN-GENNEP, Jean. *Os ritos de passagem*. Rio de Janeiro: Ed. Retrospectiva, 1982.

Recebido em 14 de março de 2022.

Aceito em 29 de agosto de 2022.